



DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM NA ESCRITA EM CRIANÇAS DE ESCOLA PÚBLICA ORIUNDOS DE CLASSES POPULARES

Verônica Fortuna Santos¹
Soleide Silva Ferreira²

RESUMO

O presente estudo aborda a importância das questões da aprendizagem com ênfase, na apropriação da linguagem escrita como também o levantamento de conceitos dos temas citados. É importante salientar que a aprendizagem sempre esteve presente na vida do homem, por esse e outros motivos, continua sendo foco de estudos e debates no campo da educação. A pesquisa objetiva analisar a produção da escrita em crianças do ensino fundamental, como também, caracterizar e verificar as tipologias dos erros ortográficos. A construção metodológica é de natureza qualitativa e quantitativa. Com isso, as dificuldades na transcrição de palavras foram vistas através de uma prova de ditado de um texto. Inicialmente foi apresentado 4 textos com aproximadamente 150 palavras, com um “juri” de 3 professores que lecionam na instituição escolar em questão do ensino fundamental, onde foi escolhido um dos textos que foram propostos. Os resultados apontam que na escrita dos 50 alunos que participaram da pesquisa, apresentaram uma relevante ocorrência de erros ortográficos, onde ratifica a presença de dificuldade de aprendizagem na escrita dos estudantes. Quanto aos resultados, indicaram que as crianças apresentam visíveis dificuldades na escrita. Sabe-se que são muitas as causas que explicam esse déficit, vai desde o aspecto biológico, social e uma grande quantidade de alunos em sala de aula.

Palavras-chave: Aprendizagem; Escrita; Contexto Social.

I- INTRODUÇÃO

O presente estudo aborda a importância das questões da aprendizagem e as dificuldades de aprendizagem, de modo especial, na apropriação da linguagem escrita.

A pesquisa tem relevância social porque, levanta informações sobre as dificuldades de aprendizagem na escrita em crianças de escola pública, normalmente oriundas das camadas populares, onde foi verificado as dificuldades mais frequentes na aprendizagem da escrita.

¹ Verônica Fortuna – Universidade Federal de Sergipe – UFS. Graduada em Pedagogia. Pós-graduada em Psicopedagogia Clínica e Institucional, Política Educacional e Social. ve.30@hotmail.com

² Soleide Silva Ferreira – Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia. Graduada em Pedagogia, Pós-graduada em Psicopedagogia Clínica e Institucional, Política Educacional e Social, Mestre em Ciências da Educação e professora da Faculdade Maurício de Nassau. soll.rena@hotmail.com

O objetivo da pesquisa é analisar a produção da escrita em crianças dos 4º e 5º anos do ensino fundamental, como também, caracterizar e verificar as tipologias dos erros ortográficos.

É importante salientar que este trabalho tem o propósito de tornar o assunto disponível para outros pesquisadores, sugerindo discussões e possíveis contribuições para o conhecimento e tomada de decisões quanto ao nível de dificuldade de aprendizagem na escrita em crianças de meios populares em Aracaju.

II ENQUADRAMENTO TEÓRICO

O domínio da escrita representa uma grande importância na vida do homem, a linha do tempo divide sua história em antes e depois da escrita, pois a partir desta descoberta foi possível registrar sua cultura, as canções, suas poesias, enfim, sua maneira de ver o mundo. Segundo Teberosky (2002) a importância social da escrita, em termos de controle, governo, administração, é tamanha que a cidade como forma social de organização era desconhecida nas sociedades orais.

Na época da pré-história utilizavam figuras registradas em pedras para transmitir informações, tais registros fornecem um conhecimento resumido de uma era sem escrita. E para que essas informações fossem transmitidas, fazia-se uso de várias formas de expressão como gestos, ruídos, Sinais de fumaça e tantos. Mas, a esse respeito Cagliari afirma que:

Um desenho não participa necessariamente de um tipo de escrita. A escrita, para ser qualificada como tal, precisa de um objetivo bem definido, que é fornecer subsídios para que alguém leia (CAGLIARI,1996, p.104).

Em relação à evolução da escrita, vistas em seus aspectos gerais, Cagliari (1996) a descreve em três diferentes etapas: Pictórica, Pictórica e Alfabética.

Quanto a aprendizagem pode-se afirmar que a alteração do comportamento é o resultado final da aprendizagem. Segundo Nelson Piletti (2006), a aprendizagem é uma mudança de comportamento que resulta da experiência.

Para Gagné, a aprendizagem é uma modificação na disposição ou na capacidade do homem, modificação essa que pode ser anulada e que não pode ser simplesmente

atribuída ao processo de crescimento (apud NELSON PILETTI, 2006).

Na definição de Morgan (1977, p.90) a aprendizagem é qualquer mudança relativamente permanente no comportamento, e que resulta de experiência ou prática.

Aprendizagem específica da escrita está vinculada a um conjunto de fatores que adota como princípios o domínio da linguagem e a capacidade de simbolização. Aos poucos, as crianças devem compreender como o sistema funciona, o que nota/representa e como a escrita cria estas notações/ representações. Ou seja, sua aprendizagem se converte em um novo objeto de conhecimento, trata-se de uma aprendizagem conceitual (FERREIRO, 2001; MORAIS, 2005).

Bernal (apud Teberosky, 2002) chama a escrita de “a maior invenção manual-intelectual criada pelo homem”.

Na evolução da escrita houve inúmeras transformações até chegarmos à forma atual: o alfabeto. No processo da aquisição da escrita a criança também passa por fases no período da alfabetização, revela Ferreiro e Teberosky (1999) que são cinco fases sucessivas de produção escrita que a criança terá que vivenciar e ultrapassar:

- **Primeira fase** - na construção da escrita a criança descobre os limites que a separa do desenho, conforme Ferreiro e Teberosky (1999), percebe-se algum ensaio figurativo entre a escrita e o desenho onde a criança escreve partindo da idéia de que a quantidade ou o tamanho das letras deve estar de acordo com o objeto que representa.
- **Segunda fase** – caracteriza-se pela atribuição de escritas diferenciadas, a forma dos grafismos é mais redefinida e mantém uma proximidade maior com as letras.
- **Terceira fase** – envolve as propriedades sonoras das letras, neste nível a criança acredita que cada letra equivale a uma sílaba.
- **Quarta fase** – é a transição da hipótese silábica para a alfabética, pois, segundo Ferreiro e Teberosky:

A criança abandona a hipótese silábica e descobre a necessidade de fazer uma análise que vá “mais além” da sílaba pelo conflito entre hipótese silábica e a exigência de quantidade mínima de gramas [...] e o conflito entre as formas gráficas que o meio lhe propõe e a leitura dessas formas em termos da hipótese silábica (FERREIRO & TEBEROSKY, 1999, p. 214).

Mediante Correia (2001), a respeito desses conflitos, acrescenta que essa problematização deve estar em consonância com as práticas sócio-educativas referente à leitura e a escrita do meio em que a criança vive.

- **Quinta fase** – a criança é capaz de fazer relações entre grafemas e fonemas, ou seja, alcança a escrita alfabética.

É bom ressaltar que estas construções não ocorrem linearmente em cada aluno, pois ele passa por processos diferentes de acordo com o seu próprio ritmo. O que importa, realmente, é que cada aluno tenha vivido e superado seus níveis de aprendizagem da escrita no período da pré-escola para que não se defronte com problemas mais adiante.

A linguagem humana e sua codificação são fatores que devem ser analisados antes da leitura e escrita, que por sua vez são partes integrantes a ela (Rebelo, 1993). O autor define linguagem como um sistema de símbolos que permite a comunicação entre organismos ou membros de uma espécie, podendo afirmar que tanto os seres humanos como os animais são dotados de linguagem.

Com relação às formas de linguagem humana, o autor supramencionado esclarece serem as formas: Linguagem falada – utiliza sons e palavras articulados, susceptíveis de serem ouvidos; Linguagem escrita – designada de gráficos, emprega letras como sinais convencionais, representativos dos sons da língua; Linguagem corporal – através de movimentos, postura e gestos, voluntários ou involuntários, que comunicam algo que as pessoas desejam exprimir. Tal linguagem é importante, sobretudo nos primeiros meses de vida e mesmo em idade mais avançada, quando existe dificuldade em utilizar outras formas de comunicação.

O domínio da escrita é o resultado de um longo processo de organização do desenvolvimento da linguagem/fala, que permeia a construção de: gestos significativos, brincadeira de faz-de-conta, desenho e escrita (VYGOTSKY, 1984).

A realidade das condições de domínio da escrita das crianças que moram em periferia e estudam em escola pública é bem clara e lamentável, pois comumente elas não desempenham as competências de acordo com a sua idade/série. E segundo Ferreiro e Teberosky (1989), as expectativas de resolver os problemas denominados de seleção social e expulsão encoberta, gerados pela distribuição desigual de oportunidades educacionais, não se concretizaram e muitas crianças que são matriculadas nas escolas continuam sem

aprender a ler e a escrever, porque a solução para o problema do fracasso escolar, durante a alfabetização, exige não apenas mudanças nas concepções de ensino e aprendizagem, mas demanda, sobretudo, empenho e vontade dos Poderes Públicos no sentido de garantirem as condições para que o sistema educacional possibilite a efetiva aprendizagem.

É importante lembrar que a maioria das escolas públicas permanece com salas cheias, ou seja, com quantidade de discentes acima da capacidade máxima por sala. Dificultando, assim, o processo de ensino-aprendizagem.

III OBJETIVOS

O presente estudo tem o objetivo analisar a reprodução da escrita em crianças dos 4º e 5º anos do ensino fundamental. Bem como, verificar a incidência dos erros ortográficos numa prova de ditado e caracterizá-los pela sua tipologia.

IV METODOLOGIA

4.1 Amostra / Sujeito

A amostra é de caráter aleatório, composta por 50 alunos com idades variando de 9 a 12 anos e, que fazem parte dos 4º e 5º anos do Ensino Fundamental.

4.2 Instrumento

A pesquisa é de natureza qualitativa e quantitativa. O levantamento das dificuldades na transcrição de palavras foi realizado através de uma prova de ditado de um texto.

4.3 Material e Procedimento

Retiramos inicialmente 4 textos com aproximadamente 150 palavras e solicitamos a um “juri” de 3 professores que escolheram um deles. O texto foi ditado pelo próprio docente da turma.

V RESULTADOS

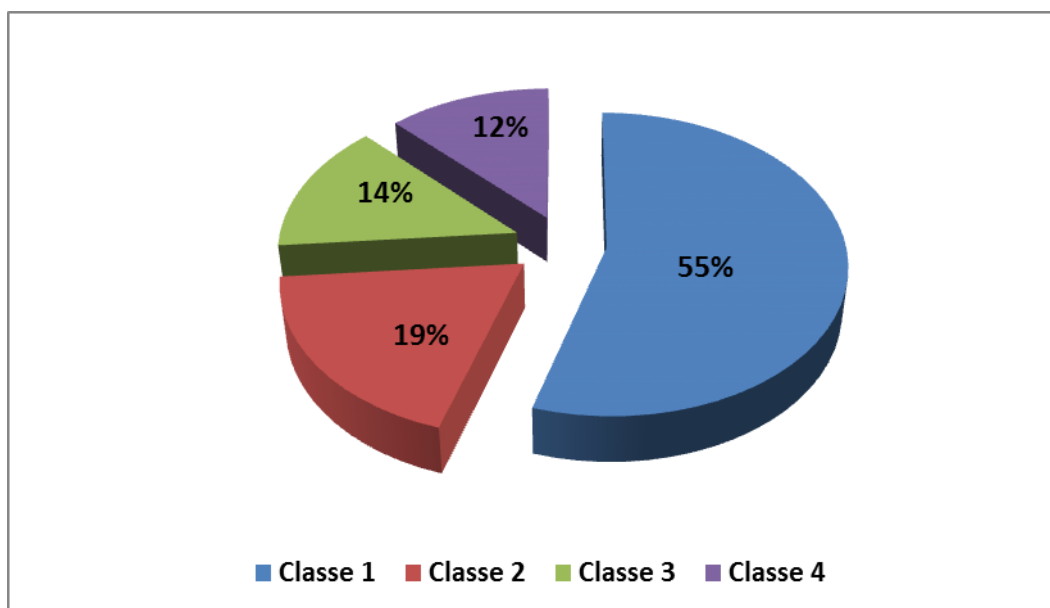
A análise dos resultados mostra que na escrita dos 50 alunos participantes desta pesquisa, revelaram uma relevante ocorrência de erros ortográficos que ratifica o real estado de dificuldade de aprendizagem na escrita dos estudantes.

Incidência de erros ortográficos:

Classes de erros – Representação de incidência de erros de acordo com as classes de erros

Como se forma o arco-íris?

5º anos



Classe I - erros foneticamente e graficamente incorretos - erros de adição (tipo 1), de omissão (tipo 2), de substituição (tipo 3) e de troca de posição ou inversão (tipo 4).

Classe II - erros foneticamente corretos e graficamente incorretos - substituição de maiúsculas/minúsculas (tipo 5), as grafias homófonas (tipo 6), as omissões ou adições de sons mudos (tipo 7) e os erros de divisão/aglutinação (tipo 8).

Classe III - outros - III classificamos como erros as grafias ilegíveis (tipo 9), palavras omitidas (tipo 10) e palavras substituídas (tipo 11).

Classe IV - erros relacionados com acentos - todos os erros relacionados com acentos (tipo 12).

VI CONCLUSÃO

Esse quadro de resultados explicita a realidade da aprendizagem da escrita que é um processo complexo, composta por múltiplos processos. As dificuldades que abrange essa área podem se manifestar por confusão, inversão, transposição e substituição de letras,

erros na conversão símbolo som, ordem de sílabas alteradas, lentidão na percepção visual, entre outros, que podem se apresentar em áreas distintas como ao soletrar ou escrever uma palavra ditada. Sabe-se, também, que as dificuldades de aprendizagem podem ser acentuadas por influências externas, como, por exemplo, diferenças culturais, instrução insuficiente ou inapropriada.

Dentre as múltiplas causas da dificuldade de aprendizagem, no cotidiano escolar esta pode ser encontrada no educando que possui problemas reais, correspondente à inadequada estrutura escolar quanto ao seu meio social, ou seja, suas necessidades sociais.

É importante lembrar que a maioria das escolas públicas permanece com salas cheias, ou seja, com quantidade de discentes acima da capacidade máxima por sala. Dificultando, assim, o processo de ensino-aprendizagem.

REFERÊNCIAS

- CAGLIARI, L. C. (1996). **Alfabetização e lingüística**. Edição 9. São Paulo. Scipione.
- CORREIA, J.; SPINÍLLIO, A.; LEITÃ, Selma. (2001). **Desenvolvimento da linguagem: escrita e textualidade**. Rio de Janeiro. FARPEJ.
- FERREIRO, E. (2001). **Reflexões sobre alfabetização**. São Paulo. Cortez.
- FERREIRO, E.; TEBEROSKI, A. (1999). **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre. Artes Médicas Sul.
- MORGAN, C. T. (1977). **Introdução à Psicologia**. São Paulo. McGraw-Hill do Brasil.
- PILETTI, N. (2006). **Psicologia Educacional**. Edição 17 . São Paulo. Ática.
- REBELO, J. A. da S. (1993). **Dificuldades da Leitura e da Escrita: em alunos do ensino básico**. Coleção: Horizontes da Didáctica. Portugal: Edições ASA.
- TEBEROSKY, Ana. (2002). **Aprendendo a escrever: perspectivas psicológicas e implicações educativas**. Edição 3. São Paulo. Ática.
- VYGOTSKY, L. S. (1984). **A Formação Social da Mente**. São Paulo: Editora Martins Fontes.